

# Meus antepassados

por Claudia Maria Miranda Lima

Aqueles que vieram antes de mim são muitos e múltiplos. Quando falo de múltiplos, tento assim enfatizar que, na história dos meus antepassados, é comum percebermos mais de uma pessoa exercendo o papel de mãe, de pai, de avô. Sempre foi um traço nas relações da família.

A história dos meus antepassados, até onde o meu conhecimento chega hoje, é constituída por brasileiros nascidos e criados no Brasil – originários e viventes do norte e do nordeste do país.

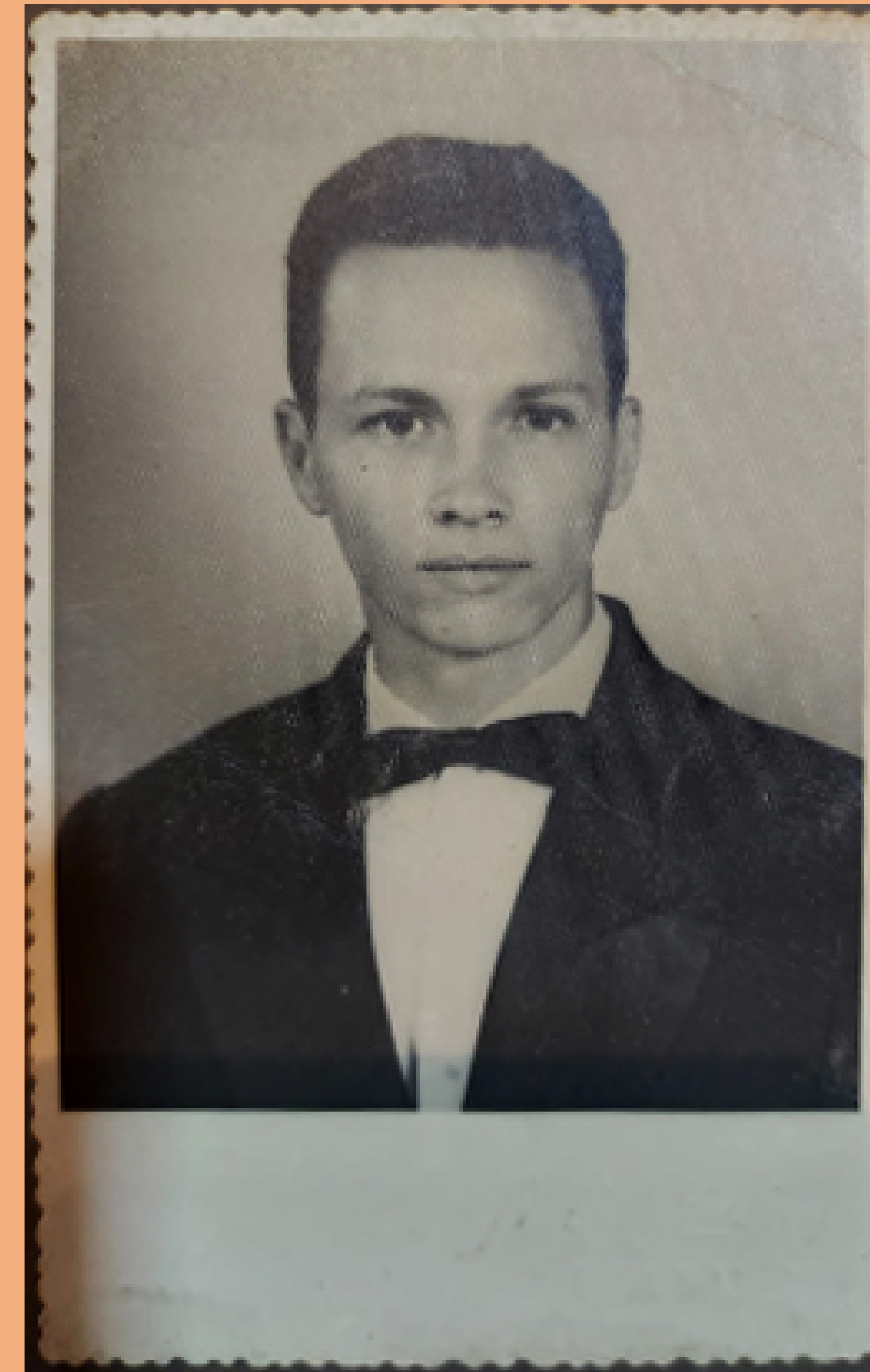
Começo, assim, pelo início mais próximo: meu pai e minha mãe. Minha mãe, Laura Emilia Alves Miranda, nascida e desenvolvida em Belém, Pará, até seus 23 anos, quando casa com meu pai, Eládio Malcher Lima, e passa então a acompanhar a vida itinerante do jovem engenheiro de perfuração profunda que trabalhava na Petrobras.

Voltando à minha mãe, Laura foi a sétima filha dos oito que vingaram entre os 16 gerados. Das memórias e lembranças que trago dela, o que diz respeito à infância e juventude é fruto do que ouvi e da forma como recebi. Da boca direta da minha mãe, das minhas tias, da minha avó e do meu avô aos meus ouvidos e coração. Mamãe, quando criança, era sensível, amedrontada, carente da atenção, em especial da mãe, responsável, obediente, fiel e solidária.

Nasci pouco menos de um mês para ela completar 31 anos. Estive com ela durante 36 anos da minha vida. Nem sempre moramos juntas, desde o momento em que nasci, mas convivemos durante a maior parte desse tempo. E, desse tempo, o que carrego na minha memória e no meu coração, fruto dessa construção amorosa, é uma mulher do Norte com profunda conexão com suas raízes e, ao mesmo tempo, do Mundo, que carregava o vento da liberdade, o cheiro da curiosidade, o ímpeto da coragem e a reação do medo. É um dos meus tipos inesquecíveis.

Já meu pai, quando nasci, tinha 38 anos. Desde então, nosso convívio é menos permanente e cotidiano, baseado em uma troca mais esporádica, mas não menos intensa.

Sobre o meu pai quando criança e adolescente e jovem sei pouco e o que sei também é fruto da oralidade, às vezes narrada por ele e em outras vindas das vozes de meus tios, parte da família da minha mãe, da minha mãe e alguns poucos amigos/irmãos que o acompanharam.



Fotografia acima: Eládio, pai de Claudia

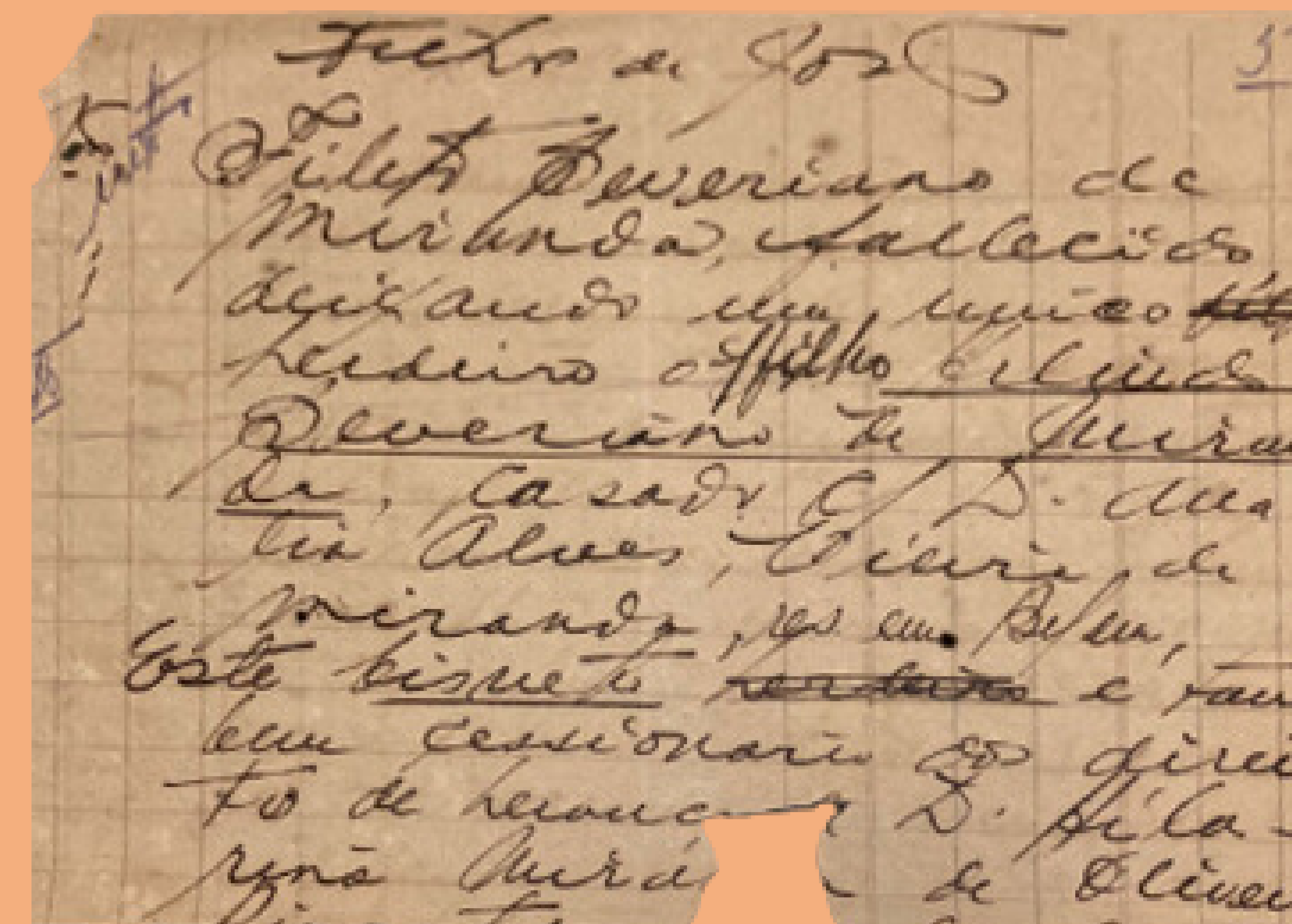
Fotografia à esquerda: Laura (mãe de Claudia) e Claudia

Foi um rapaz curioso, inteligente, fiel, alegre e sorridente, mimado e introspectivo.

Meu pai é filho único biológico. Desde o seu nascimento, sua mãe ficou adoecida e morreu quando ele tinha mais ou menos 1 ano. Seu pai era um naturólogo, desembargador e juiz. Ele foi criado (e me parece que perfilhado) pelos tios Celina e Geomirez, com a presença de sua avó Puí. Seu pai casou-se novamente e, ainda assim, ele seguiu vivendo com os tios e a avó, frequentando a casa da cidade ou o sítio, durante as férias e nos finais de semana.

O meu relato foi construído a partir do que ouvi de um pouco dos personagens que mencionei antes, inclusive meu pai. Sobre ele, sinto ainda como uma criança, em seu estado puro no sentido emocional – o que alegria transborda nele alegria, o que incomoda transborda o incômodo. Para além da criança, é um dos homens com mais legitimidade que eu conheço, defensor de que todos somos igualmente diferentes e de que respeitar essa condição é base para a vida.

Minha madrinha ocupa um lugar de destaque na minha relação de afetividade materna.



Acima: Testamento de Fileto doando seus bens para Arlindo (bisavô e avô maternos)

Me constituí com a ideia e o sentimento de contar com 2 mães amorosas. Muitas vezes para mim foi confuso, mas sempre no espaço do amor. O nome dela é Anália, para mim é Madinha, e eu diria que esse foi o nome que boa parte da família assumiu como o dela. Além da minha tia Anália, minhas tias, irmãs da minha mãe, e minha tia que é mulher do meu padrinho (irmão mais novo da minha mãe), ocuparam um espaço importante na construção das minhas memórias e dos meus afetos ancestrais. Muito do que passo a relatar a partir de agora conta diretamente com a participação delas no que diz respeito à família da minha mãe.

Minha avó Anália era filha de João Alves e Josepha Jorge, nasceu no Acre, como irmã mais velha fruto dessa união. Anália é minha avó materna. Seus pais vieram do Ceará, no êxodo da borracha. De seringueiros, passaram a seringalistas, de posseiros a fazendeiros, proprietários de um seringal às margens do Rio Iaco. Ali passou a infância e, quando foi o momento de estudar, veio morar em Belém, com a família de seu padrinho e tutor a partir desse momento. Era uma menina alegre, engraçada e “levada da breca”. Em Belém, passou sua juventude e maturidade. O seringal dos pais entrou em declínio produtivo e financeiro, o que contribuiu para o cenário.



Tia Edila e Madrinha



Dodó e Eládio (pai de Claudia, ainda bebê)

Para além dessas circunstâncias, foi em Belém que minha avó conheceu o meu avô Arlindo, pai da minha mãe. Filho de Fileto e Ignácia, nascido em Santarém e criado por sua avó Emília e seu avô João. Pouco se tem de referência de seus pais, apesar de viver com os avós paternos. Meu avô foi filho de um homem e uma mulher que jamais se casaram ou viveram juntos. O que parece é que ele era filho da filha da empregada indígena com o filho da patroa branca. Minhas tias contam do amor profundo que ele sentia pela mãe, mas nunca a trouxe para perto. Sobre o pai e avô, pouco falava. Já sobre a avó paterna sempre cultivou uma gratidão e admiração profundas, colocando o nome dela na composição dos nomes de todos os 8 filhos que vingaram – às mulheres acrescentou o nome de Emília como segundo nome próprio e aos homens, Emilio. Pouco sei da sua infância ou adolescência. Quando nasci, meus avós já eram maduros. A história que sei do meu avô é de alguém que se orgulhava de ser caboclo e ter “vencido” na vida. A lembrança que guardo na memória é de um homem charmoso, sedutor, com um profundo sentimento de unidade familiar, extremamente conservador, autoritário, preconceituoso. Dono de um sorriso largo, gargalhada potente e abraço de tamanduá.

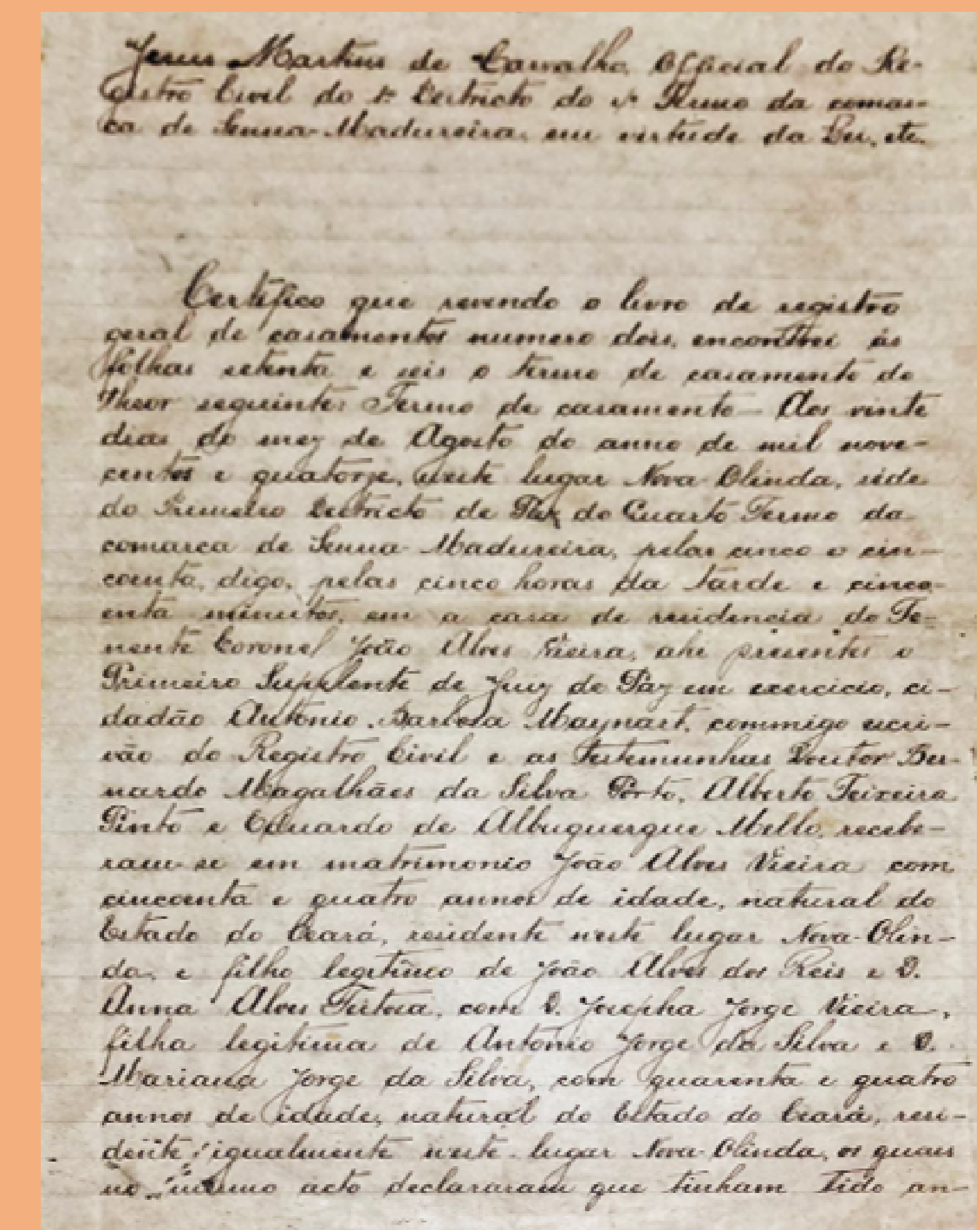
A minha avó Anália é o primeiro de todos os meus tipos inesquecíveis. Guardava uma personalidade forte, resiliente, brincalhona, irreverente, com uma capacidade de viver a vida no tempo em que a vida corria.

Entrando na conexão com meus antepassados paternos, as informações são mais superficiais e distantes. Como disse antes, meu pai era filho único biológico.



Anália e Aline ( avó e tivó materna)

Certidão de Casamento dos bisavós maternos por parte de mãe



Família do pai de Claudia. Vovó Puí (a mais velha, bisavó paterna por parte de pai). Júlio (homem ao lado direito da mais velha, tivó), Celina (mulher ao lado direito do Julio, avó), Eládio (criança agachada, pai). As demais pessoas não foi possível identificar.



Aline, Anália e Laura (tivó caçula, avó, tivó do meio, maternas)



Eladio (pai) e Celina (avó e tivó. A tia criou e perfilhou o pai de Cláudia)



Eladio (o primeiro de todos os Eládios. Homem vestindo terno mais escuro. Bisavô paterno. Reunião social ou trabalho)

Sua mãe, minha avó, chamava-se Maria Malcher. Seus antepassados são os irmãos Malcher do movimento da cabanagem, o que a mim significa mais pra um sentimento de desconfiança do que de orgulho.

Não a conheci, pouco meu pai contou e menos ainda a minha mãe. Já morando no Rio, depois dos 25 anos, tive contato com um irmão da minha avó Mariazinha, o tio Zezinho, que minha mãe encontrou por acaso em Petrópolis. Ele sentia até então uma saudade e um amor profundo por essa irmã. Dizia ele que ela era linda e doce.

Em relação aos meus antepassados por parte do pai do meu pai, tenho um pouco mais de informação. Menos pelo que por ele foi contado a mim, mas um pouco pelo que pude viver e por ele ser pai do meu pai, uma personalidade reconhecida, tanto na área do direito quanto na área da botânica e naturologia (se é que existe essa palavra).

O pai do meu pai chamava-se Eladio da Cruz Lima. Nascido em Belém, era cientista dedicado à fauna amazônica de mamíferos e também desembargador, antes advogado e juiz.

Para além disso, o que sinto sobre ele, muito do que ouvi da minha mãe (que não o conheceu) e do meu pai (que pouco com ele viveu), é que era um homem encantado com a natureza - era um cientista-artista, pois ilustrava e sistematizava as informações pesquisadas de cada animal, e um jurista de notória qualificação.

A minha impressão é que a veia artística seria um talento natural e a veia científica, tanto para o direito quanto para a botânica, vinha de uma herança natural.

Os pais do meu avô, meus bisavós, chamavam-se Eladio de Amorim Lima e Lucinda Ribeiro da Cruz, a vó Puí. Sobre ele sei pouco, somente que nasceu em Recife, era advogado e formou o primeiro conselho da OAB do Pará.

Já a vó Puí foi a única dos meus bisavós que conheci e com quem convivi. Quando era ainda muito criança, ela morava na casa da vovó Cecé (aquela tia do meu pai que o criou).

A imagem da vó Puí é muito presente na minha memória. Morávamos na casa dos meus avós maternos, mas todos os domingos íamos visitá-las. Ela sempre estava com o cabelo arrumado, de roupa branca, os olhos muito azuis, a pele muito branca e uma força vital que me paralisava.

A pequena investigação feita até aqui é apenas o primeiro passo da minha viagem a partir daqueles que fui na minha ancestralidade e daqui sigo. Não agora, mas logo, logo.



Porta retrato com 2 fotos distintas. A primeira à esquerda, em primeiro plano Ignácia ( mãe do avô materno), a mulher em segundo plano é desconhecida. A segunda à direita: Chico, Laura, Josepha (tivô por casamento com tivó e avó materna por parte de mãe), homem que pode ser o último marido ou o filho mais novo dela.



Celina ( avó por parte de pai)



Anália e Arlindo (avós maternos)



Eladio de Amorim Lima ( bisavô paterno)